

Circulações do amor nas escolhas sexuais binárias e não binárias

Grupo de Trabalho da Escola Brasileira de Psicanálise

Dupla coordenadora: *Luis Francisco Camargo e Pablo Sauce*

Integrantes: *Camila Abreu, Cláudia Murta, Cristina Alves, Dalton Demoner, Eliane Chermann Kogut, Fernanda Turbat, Gabriella Dupim, Guacira Cavalcante, Gustavo Ramos, Julia Jones, Liliane Sales, Maria Corrêa de Oliveira, Paulo Novais e Wilker França.*

Iremos apresentar um tipo específico de circulação do amor nas relações sexuais não binárias: um movimento do amor à imagem narcísica ao amor ao Outro enquanto Um-Corpo¹.

No lugar do Outro, o corpo. Não o corpo do Outro, e sim o próprio [...]. Esse Um-Corpo [...] é a única consistência do falasser. Eis que, com uma frase, ele reduz todos os reflexos oscilantes desse depósito que é o Outro maiúsculo. O Um-corpo como única consistência” (MILLER, 2010, p. 110-11).

Um-Corpo²
Outro

Em termos freudianos, a circulação decorrente da recusa à identificação ao sexo biológico se traduz por um movimento da libido que parte do amor narcísico e chega ao amor anaclítico. O vídeo apresentado ilustra como a redesignação sexual nos casos *trans* não resolve a questão do ser. Podemos dizer, nestes casos a imagem corporal é disjunta do *falasser*. O fracasso em se localizar tanto na coleção dos homens como na coleção das mulheres aponta o fracasso das identificações aos ideais sociais sobre o que é ser homem ou mulher. Alguns acreditam na solução em se identificar ao significante “não-binário”, diante da impossibilidade de encontrar o significante que defina ambos os sexos.

Vércio concede o gozo da própria imagem ao desejo do Outro quando afirma: “- *eu não vou querer me relacionar com alguém que não me veja para além do meu corpo*”. Este *para além do meu corpo* toca o falasser, ilustrado por outra frase de uma mulher *trans*: “- *quando encontrei a minha imagem no espelho (após a transformação), eu pude ver naquele reflexo a minha alma*”. Trata-se de sujeitos que desejam ser desejados para além dos seus

¹ MILLER, J.-A. *Perspectivas do Seminário 23 de Jacques Lacan: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 106-118.

² *Ibid.*

corpos, que desejam ser amados também pela sua alma (*psiquê*), a que não é reflexo da imagem do corpo biológico. Conforme Vércio, “- *eu não preciso da barba para ser homem, eu sempre fui homem*”. Nestes casos, o amor não se liga à imagem do *i(a)*, mas ao *falasser*, aquele que conjuga ao corpo o sujeito; a substância gozante ao significante.

“*Deixe-me ir preciso andar, vou por aí a procurar, rir pra não chorar. Se alguém por mim me perguntar, diga que eu só vou voltar, depois de me encontrar*”. A poesia do samba de candeia ilustra o amor como ponto de encontro, quando o amor ao outro e de um Outro permite ver o para além da imagem especular, a imagem da alma, a identificação primordial do sujeito a um corpo que não corresponde ao sexo. É no *lapso* do olhar que esses sujeitos vislumbram o desejo desarticulado do *i(a)*, o desejo articulado ao *falasser*, à pulsão e ao gozo.

Ao pensar a diferença no ensino de Lacan, Bassols (2021)³ retoma o axioma clássico da primeira clínica do “inconsciente é estruturado como uma linguagem”. O inconsciente como estrutura é construído a partir das diferenças entre os seus elementos, a saber, a diferença decorrente da articulação e da dialética entre os significantes, os quais não são definidos por nenhuma essência ou significado de entrada. Qualquer representação ao nível significante implica a diferença com outra representação⁴. Essa premissa coloca um problema para as identidades de gênero. Seria possível buscar uma "identidade sexual" para além do significante, o qual, por sua vez, não porta nenhuma essência? Uma vinheta de caso⁵ ilustra o que Brousse (2018) aponta sobre o termo “gênero”, na medida em que este "sai do binário construído com a reprodução para introduzir um terceiro termo, neutro"⁶.

Uma ilustração clínica

Um pai procura um analista para sua filha de 14 anos. Inicialmente, a jovem localiza o seu sofrimento em “alguns traumas”. A pergunta do analista – “*o que é um trauma?*” – produz um efeito de surpresa para o sujeito, que responde não querer falar sobre isso naquele momento.

³ BASSOLS, Miquel. *La diferencia de los sexos no existe en el inconsciente*. Olivos: Grama Ediciones, 2021.

⁴ *Ibid*, p. 24. Tradução nossa.

⁵ Caso clínico apresentado, no nosso grupo de trabalho, por Gustavo Ramos da Silva, psicanalista em Florianópolis e doutor em Literatura pela UFSC.

⁶ BROUSSE, Marie-Hélène. *As identidades, uma política, a identificação, um processo, e a identidade, um sintoma*. In: *Opção Lacaniana on-line*, n. 25-26, mar. e jul. 2018, p. 2.

Ao falar de sua família, menciona sua avó homofóbica. Quando indagada sobre o que isso quer dizer, ela responde por meio de sua identidade. Diz ser *trans*. Sente-se um menino; “está no corpo errado”. Essa sensação apareceu há cerca de 7 anos. Por isso, escolheu outro nome, distinto daquele que seus pais lhe deram. O analista pronuncia o nome, o qual em português é do gênero masculino, mas ela o corrige dizendo que o nome deve ser pronunciado em inglês. O analista acata sua escolha, porém sente uma estranheza ao pronunciar o nome em inglês.

Brousse (2018) esclarece um ponto importante no atual debate que envolve o discurso social: o termo "gênero" substituiu o termo “sexo” como significante-mestre, “*gender/sexe*”⁷, e isso tem efeitos na subjetividade de nossa época. No caso dessa paciente, o nome escolhido pelos pais é oriundo da língua japonesa e, no português, tem gênero indeterminado, podendo ser tanto um nome feminino quanto masculino. O nome escolhido por ela, no inglês, também pode ser utilizado nos dois gêneros, permanecendo o estado de indeterminismo, tanto no nome escolhido pelos pais quanto no escolhido por ela.

A construção oferecida por Lacan⁸ (1958-1959) no Seminário 6, reside particularmente no encontro com o Outro como presença e principalmente como alguma coisa que se experimenta desse encontro: *Che vuoi? Que quieres?* Há algo desse Outro que se apresenta como desejante, portador de desejo, e que se prolonga através da pergunta invertida que retorna como “o que quero?”, questão que conduz a algo caro para a psicanálise, a experiência de opacidade frente ao desejo do Outro e a fantasia como resposta, tela e anteparo diante do real.

Para a paciente, o significante “indeterminação” remete à opacidade do desejo de seus pais. Esse momento não se limita somente ao confronto com a experiência do desejo do Outro, mas, sobretudo, à dimensão de algo que se revela nessa experiência. A direção do tratamento teve como bússola a indeterminação no corpo oriunda da indeterminação do seu nome próprio. Logo, o analista passa a não pronunciar nenhum nome, nem o próprio, nem o escolhido e, principalmente, nenhum pronome, apostando na possibilidade de uma abertura para um novo significante.

Essa estratégia possibilitou um giro no tratamento. A analisanda começa a falar daquilo que a afeta, dizendo ter “uma dificuldade no amor”, pois não sabe lidar quando

⁷ *Ibid.*

⁸ LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação (1958-1959)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

alguém se interessa por ela; isso "ataca sua ansiedade". O analista solicita que fale um pouco mais da dificuldade no amor, ao que ela pergunta: "falar do amor na teoria ou na prática?" Isso promove outra articulação sobre a questão identitária, quando ela afirma não ser mais *trans*. Agora é *não-binária*: "- ser homem, ser mulher, ser os dois ou nenhum dos dois". "- Então, há algum modo de se diferenciar?", indaga o analista. "- Pela roupa", diz ela, passando a aceitar que se refiram a ela com o pronome feminino. A escansão do ser permitiu-lhe falar de outro modo sobre seus afetos. Relata um namoro que teve com uma menina e outro com um menino *trans*. Já namorou muito, mas nunca beijou, é B.V. Acha o sexo desconfortável, pois invade seu espaço pessoal. Fica evidente, nessas falas, um deslocamento das questões de seu corpo indeterminado para um endereçamento ao corpo do Outro. Algo em torno de uma possível parceria amorosa se esboça. Ela passa a se descrever como "lésbica não-binária".

Bassols (2021) escreve que "a irrupção do sexo no corpo é sempre traumática, na medida em que rompe a unidade imaginária que cada um construiu a partir da imagem do outro ou de outra."⁹ Na vinheta clínica em questão, uma cena ganha destaque: um amigo, "homem hétero *cis*", abraça-a e tenta beijá-la à força. Ela coloca a língua para trás e impede o beijo. Neste momento, sente o pênis ereto desse amigo e entra em pânico. Em suas palavras: "- o corpo desliga, não vejo nada ao meu redor, tudo escuro, caio no chão e fico fraca: é o choque." O desfalecimento propicia a retomada da questão do trauma quando o olhar de um homem a deixa com a sensação de invasão: diante dos indícios do gozo do Outro, ela desfalece.

Essa cena nos permite ilustrar um modo de *fallasser* contemporâneo se haver com as questões do amor no contexto das ditas escolhas sexuais. A análise não entra na esteira de acolhimento das novas identificações, mas põe à prova a alienação produzida pelos novos significantes-mestres, permitindo a ascensão da singularidade do gozo. No caso dessa adolescente, o amor parece circular pela via das parcerias que ela consegue estabelecer, mas não sem os seus "traumas".

Circulações do amor nas relações que fazem par ou ímpar

Se para Lacan *amar é dar o que não se tem*, isto é, dar sua *falta-em-ser*, como podemos pensar um amor que parece não se dirigir ao Outro, mas ao próprio corpo como

⁹ BASSOLS, op. cit., p. 49. Tradução nossa.

Outro, um corpo do qual se goza? Conforme Miller, “um corpo que goza dele mesmo não é o corpo do que seria a relação sexual. O corpo visado aí é o corpo ao nível da existência”¹⁰.

Essa questão nos fez refletir sobre *as circulações do amor nas relações sexuais binárias e não-binárias*, a partir de outras duas vinhetas clínicas. A primeira de um sujeito que procura análise; a segunda de uma entrevista realizada por e-mail, no âmbito de uma pesquisa sobre *crossdressers* concedida por um *falasser* que se nomeia transexual.

Na primeira,¹¹ trata-se de uma pessoa nascida num corpo de mulher, que procura análise por ter recebido um diagnóstico de *borderline*, mas que, num segundo momento, apresenta outro significante, *trans*, após superada certa hesitação quando a analista lhe certifica de que ali se pode falar tudo, independentemente de ser *trans* ou não. Há pouco tempo descobriu ser transexual por meio das redes sociais. Agora entendia o seu comportamento e a sua vontade de ser nomeado diferente do seu nome feminino. Sempre quis se vestir de menino. Nas brincadeiras infantis, era sempre o garoto e há anos se satisfazia em usar cuecas. Vale ressaltar, tanto o significante *border* quanto o significante *trans* são nomeações do Outro, indicando a importância do desejo do Outro para este sujeito.

Posteriormente, o analisante passa a narrar dificuldades no laço social. Rompe repetidamente seus relacionamentos, começa a ter uma instabilidade no trabalho e nos estudos e passa a viver clandestinamente. Busca nas redes sociais uma orientação sobre sua sexualidade, pensa em começar a tomar hormônios e depois realizar uma cirurgia de redesignação sexual, caminho indicado pelos outros. A contingência de um encontro amoroso com uma mulher, a qual não questiona sua virilidade, causa-lhe enigma: “*como ela pode gostar de mim e de meu corpo?*” No início, acha estranha a satisfação dessa mulher com seu corpo, já que para ela não era necessário que ele realizasse uma cirurgia de redesignação sexual. Esse estranhamento será o que sustentará o laço com uma mulher.

Para Miller (1988)¹², Freud inventou um novo Outro do amor, introduzindo o termo *liebeslebens*, no qual *liebe* significa amor e *lebens*, vida, enquanto Lacan visou novo modo de gozo produzido pelo analisante no tratamento analítico. Desse modo, o analista ocupa o lugar de objeto *a*, o qual provoca a divisão do sujeito $\$$ sustentado por esse novo amor, o amor de

¹⁰ MILLER, J.A. A orientação lacaniana. Curso no Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris 8 *L'Un-tout-seul*. Lição 8 de 23 mar. 2011. *Inédito*.

¹¹ Caso clínico gentilmente cedido por Fernanda Turbat ao nosso GT.

¹² MILLER, J.-A. Una charla sobre el amor. In: *Conferencias porteñas: Desde Lacan*. Tomo I. Buenos Aires. Paidós, 2009/1988, p. 229-252.

transferência. Isso nos indica que o amor mantém relação com $i(a)$, que tem a função de velar o verdadeiro estatuto do objeto de desejo. Ele acrescenta que isso permite ver que o amor é um engano, já que esconde, pela imagem, o objeto a como dejetivo. Esta vinheta ilustra que o investimento se dirige a um objeto fora de si independente do gênero ou do sexo, em Outro corpo. Após as assertivas “*sou visto como homem, sou visto como mulher*” se tornam secundárias, ocorreu uma apropriação da sua língua e de sua própria estranheza. Em outras palavras, ele encontra a possibilidade de situar-se do lado do desejo e construir um laço amoroso.

Já na segunda vinheta clínica¹³ podemos verificar que o investimento do *falasser* se desloca para o corpo próprio, o Um-corpo, que parece prescindir do corpo do Outro para fazer amor, propiciando, talvez, um amor ímpar.

O fenômeno transexual se refere aos indivíduos que experienciam uma enorme discrepância entre o sexo biológico e a identificação a outro sexo. No caso dos que nascem com o corpo de homens, eles não querem tornar-se mulheres, porque já se sentem mulheres – apenas acreditam que são “mulheres nascidas em um corpo trocado”. Nestes casos, o erotismo transexual está ausente ou é de cunho feminino. Vejamos o relato a seguir, retirado da entrevista:

Às vezes fico me olhando no espelho, olho meus ombros, meu rosto e consigo identificar cada traço feminino deles, tem coisas que as crossdressers curtem que nem as mulheres natas aproveitam, talvez porque para elas é normal, para nós não é. O *ploc-ploc* de um tamanquinho, os cabelos tocando os ombros, a pele perfumada com uma fragrância maravilhosa, colocar uma roupinha nova e ficar bem no corpo; se admirar, querer tocar, beijar, abraçar aquela mulher no espelho.

Segundo Freud (1914)¹⁴, há dois tipos de amor: o narcísico e o anaclítico. O amor narcísico (primário) seria voltado à própria pessoa, enquanto o amor anaclítico (secundário) seria dirigido a uma pessoa da qual dependeria. Para Miller (1988)¹⁵, Freud opõe de maneira velada o amor a si mesmo, narcisista, e o anaclítico, o amor ao Outro.

Miller (1988) afirma que Freud emprega a palavra *amor* para designar uma possibilidade de substituição do objeto amoroso, ao mesmo tempo em que aponta algo

¹³ Entrevista realizada no âmbito de uma pesquisa de doutorado sobre *crossdressers* concedida por um *falasser* que se nomeia transexual. Cf. KORGUT, Eliane Chermann. *Crossdressing masculino: Uma Visão Psicanalítica da Sexualidade Crossdresser*. São Paulo, PUC. Tese de Doutorado, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15559/1/PCL%20-%20Eliane%20Chermann%20Kogut.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.

¹⁴ FREUD, S. Introducción de narcisismo. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. V. XIV. Buenos Aires: Amorrortu Editores, p. 65-104, 2006/1914.

¹⁵ MILLER, 2009/1988, p. 229-252.

diferente do amor, em que o objeto não pode ser substituído. No entanto, nos indica que, quando não se pode substituir um objeto, trata-se de um objeto de gozo e não de amor. Por isso, quando Freud elege as condições de amor (*Liebe*), trata-se na realidade das condições de gozo que determinam a escolha de objeto de amor. A condição de amor (*Liebesbedingung*) poderia ser assim escrita: gozo abaixo do desejo e o amor como a articulação possível entre desejo e gozo (MILLER, 1988, p. 240). Se o amor é condição para o enlaçamento entre desejo e gozo, cabe colocarmos a seguinte questão: como o gozo, em termos lacanianos, parcial e autoerótico, pode se transformar em aloerótico¹⁶, isto é, endereçar-se ao Outro? As vinhetas nos indicam soluções singulares pelo amor. Já que o amor dirigido a um Outro corpo, um par, pode servir ao enlaçamento do gozo com o desejo, um amor dirigido ao corpo-próprio poderia também provocar um enlaçamento? No caso da *crossdresser*, o amor ao Um-corpo poderia ser tomado como amor ao Outro, um amor *heteros*?

Para concluir, a circulação do amor nestas eleições sexuais confirma a hipótese freudo-lacanianana da não-relação entre o sexo biológico e a assunção do sexo psíquico nos seres-falantes, bem como a experiência do amor como limite à busca infinita de um significante para nomear o gozo inominável. O termo *não-binário* é usado aqui para descrever este gozo que não se inscreve na dialética significante da língua do Outro. Por exemplo, Vércio nos ensina que a nomeação do gozo não se encontra na estrutura do inconsciente, mas nos furos. Nos casos apresentados, o laço amoroso produz a estabilização no enquadre imaginário do corpo sexuado, propiciando assim uma satisfação por meio do amor a Um-corpo.

¹⁶ MILLER, J.-A. *O osso de uma análise*. Salvador: EBP-BA, 1998.